CULTURA E POSICIONAMENTO POLÍTICO: A NARRATIVA *NIKETCHE,* DE PAULINA CHIZIANE, E O PAPEL REFLEXIVO DA OBRA[1]

CULTURE AND POLITICAL POSITIONING: THE NIKETCHE NARRATIVE, BY PAULINA CHIZIANE, AND THE REFLECTIVE ROLE OF THE WORK

Hellen Boton Gandin[2]
Elisângela Bertolotti[3]
Ana Paula Teixeira Porto[4]

RESUMO
A obra *Niketche: uma história de poligamia*, escrita por Paulina Chiziane (2002), retrata um percurso de autoconhecimento, empatia e empoderamento de mulheres na cultura moçambicana, que apresenta resquícios da colonização portuguesa visíveis no processo de cristianização da cultura africana, nas práticas sociais opressoras à população feminina e no apagamento da cultura local, por exemplo. Nesse sentido, a pesquisa busca analisar, a partir da visão do narrador e das personagens do texto de Chiziane, o processo de empoderamento feminino e de autoconhecimento em meio às influências culturais e sociais que permeiam o país, dando-se ênfase ao vivenciado pela personagem principal Rami, ao longo da trama. A partir de uma pesquisa bibliográfica crítico-reflexiva, são explorados os enlaces entre o empoderamento feminino e os aspectos culturais da sociedade moçambicana, a fim de compreender o processo de emancipação não só do colonialismo histórico, mas também do colonialismo entre as pessoas, que cultivam e impõem a cultura machista. Na leitura de *Niketche,* observa-se que a construção das personagens e a literatura contribuem positivamente para a reinterpretação e protesto diante da realidade das mulheres moçambicanas, uma vez que abre espaço para importantes reflexões, como a luta pelos direitos, o processo de autoconhecimento e o aspecto político implicado ao contexto da narrativa. Disso resulta, o papel político do romance, cujas proposições vão além de uma mera representação social de Moçambique, à medida que induz ao debate sobre temas que singularizam a história social e das mulheres do país.
PALAVRAS-CHAVE: Empoderamento feminino. Cultura moçambicana. Paulina Chiziane. *Niketche*.

ABSTRACT
The literary work *Niketche: A Story of Polygamy,* written by Paulina Chiziane (2002, portrays a path of self-knowledge, empathy and empowerment of women in Mozambican culture, which presents remnants of Portuguese colonization visible in the process of Christianization of African culture, in practices oppressive social conditions to the female population and in the erasure of local culture, for example. In this sense, the research seeks to analyze, from the point of view of the narrator and characters in Chiziane's text, the process of female empowerment and self-knowledge amidst the

[1] Este artigo é uma versão aprofundada de análise do romance com desdobramento de enfoques e acréscimos de vieses interpretativos, tendo o tema geral do estudo já sido objeto de reflexão das autoras em suas participações no evento III ENAELL – Encontro Nacional de Estudos Linguísticos e Literários, realizado nos dias 25, 26 e 27 de maio de 2021.

[2] Mestranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: hellengandin@gmail.com
[3] Doutoranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI/FW. E-mail: elisangelabertolotti@gmail.com
[4] Doutora e mestre em Letras. Professora dos Programas do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) E-mail: anapaula@uri.edu.br.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

cultural and social influences that permeate the country, emphasizing what is experienced by the character Rami, throughout plot. Based on a critical-reflective bibliographical research, the links between female empowerment and cultural aspects of Mozambican society are explored, in order to understand the process of emancipation not only from historical colonialism, but also from colonialism among people, who cultivate and impose the macho culture. In reading *Niketche*, it is observed that the construction of characters and literature contribute positively to the reinterpretation and protest against the reality of Mozambican women, as it opens space for important reflections, such as the fight for rights, the process of self-knowledge and the political aspect involved in the context of the narrative. As a result, the political role of the novel, whose propositions go beyond a mere social representation of Mozambique, as it induces debate on themes that make the country's social and women's history unique.
KEYWORDS: Female empowerment. Mozambican Culture. Paulina Chiziane. *Niketche*.

INTRODUÇÃO

Paulina Chiziane, nascida em Moçambique e considerada a primeira mulher negra a escrever e publicar um romance em seu país, compõe a primeira geração de escritores a registrar literariamente e propagar vivências e histórias de um povo que possui muito o que contar por meio da literatura a partir de sua própria voz. Seu romance *Niketche: uma história de poligamia* aborda aspectos históricos de sua terra natal, fazendo referência ao recente colonialismo português, cujas marcas ainda podem ser vistas através da observação de práticas sociais e de valores que sinalizam a potencialidade da dominação portuguesa no país africano. Tal realidade auxilia na formação de um novo processo, que é do de revistar com olhar crítico o colonialismo entre pessoas que impõem valores machistas e negam direitos de igualdade as mulheres - tônica abordada no livro da autora.

Frente isso, através de um estudo bibliográfico crítico-reflexivo, a pesquisa busca analisar o processo de empoderamento feminino e de autoconhecimento em meio às influências culturais e sociais que permeiam o país, afim de também discutir o papel político da narrativa que implica, por exemplo, aos resquícios culturais herdados pelo processo de colonização. Para isso, as vivências da personagem principal Rami serão evidenciadas para que, a partir de seu olhar, possa-se também refletir sobre os aspectos culturais e sociais de Moçambique, que possui valores patriarcais em que a igualdade e a valorização de ambos os gêneros não possuem o mesmo espaço.

A fim de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa organiza-se em três seções. Na primeira delas serão abordados alguns aspectos da cultura moçambicana, como também valores e tradições que compõem a sociedade, paralelamente será apresentado o romance e alguns fatores importantes para que se compreenda o processo de empoderamento e união feminina. Na segunda seção o enfoque centra-se em pontos que potencializaram o

empoderamento feminino das personagens do romance e que sinalizam como a união dessas mulheres auxiliou o processo de reflexão crítica diante dos costumes culturais impostos e pela busca pela independência emocional e econômica. Por fim, na última seção, será abordado o papel político da narrativa, o que abre espaço para discussões acerca da contribuição do colonizador na opressão feminina, a crítica ao casamento poligâmico, bem como o processo de constituição identitária do país em perspectiva decolonial a partir obra de Chiziane.

Niketche: olhar feminino na representação cultural moçambicana

A partir da perspectiva de que a literatura apresenta-se como uma forma eficaz de compreender melhor o mundo, Paulina Chiziane eterniza em seu romance, publicado em 2002, a representação do contexto cultural e social moçambicano marcado pela valorização do homem e a submissão da mulher. A escrita permeia as suas próprias vivências, uma vez que Chiziane nasceu na região sul de Moçambique, local onde as tramas de *Niketche* são narradas e que se destaca pelo patriarcado, machismo e pelo silenciamento da mulher, trata-se de uma relação que remonta ao diálogo entre ficção e realidade. Chiziane (2014), em uma entrevista, apresenta o seguinte relato referente a sua cultura de origem: "Eu venho da sociedade mais machista do país e quem nos educa para o machismo são as mulheres." Tal concepção auxilia na compreensão e construção imagética diante dos aspectos culturais moçambicanos e do "ser" mulher nessa realidade.

Contudo, é importante considerar as afirmações de Silva (2017, p. 02) quando a autora expressa a seguinte ideia: "nos romances de Chiziane não há uma tentativa de deslegitimar as tradições e leis moçambicanas, mas sim de discutir como elas, da forma como estão estruturadas, contribuem para a manutenção da subalternidade feminina". Nesse sentido, as obras da escritora tornam-se relevantes na perspectiva de apresentar a mulher e sua luta pelo reconhecimento, igualdade e busca por direitos nos entrecruzamentos da cultura moçambicana, como também provocar discussões e reflexões diante das crenças sobre a superioridade masculina.

De forma a contribuir com os aspectos citados, Francisco (2019, p. 39-40) expõe a seguinte afirmação que reitera a importância de Chiziane para a construção da memória e da representatividade da cultura de um país que ainda possui muito a ser descoberto e ressignificado através da literatura:

> Paulina Chiziane tem um papel fundamental na luta contra a opressão e subalternização das mulheres de Moçambique. No entanto, sua escrita parte do

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

> compromisso de que a própria autora tomou para si e passa a denunciar, ainda que de forma poética/imagética, a condição de desigualdade que vivem as mulheres, principalmente em seu país, contribuindo, dessa maneira, com possíveis caminhos de transformação do pensamento na tentativa de construir um lugar mais igualitário e democrático para essas mulheres.

O romance *Niketche* exemplifica esse movimento de exposição e crítica da autora e também atua como um marco na história literária africana de língua portuguesa, uma vez que compõe as produções da primeira geração de escritores moçambicanos. Para além da geração de escritores, faz-se importante considerar os costumes e a tradição oral de contar histórias, que, por conta disso, Chiziane autodenomina-se contadora de histórias, renunciando o rótulo de romancista, mesmo sendo conhecida pelo "título de primeira mulher negra a publicar um romance em seu país". (SANTOS, 2018, p. 10).

Em vista disso, considerando que o intuito dessa primeira seção é analisar, a partir da visão do narrador e das personagens do romance Niketche, o processo de empoderamento feminino e de autoconhecimento, serão apresentados alguns aspectos culturais e sociais de Moçambique que foram representados na obra, uma vez que facilitará a compreensão e interpretação da narrativa, e posteriormente, a discussão a respeito do papel político da narrativa.

O primeiro fator representado é o tratamento e valorização desigual entre homens e mulheres, na qual o homem é visto como um ser superior e a mulher como submissa, privada de muitas atividades. Ao longo da narrativa, considerando os entrecruzamentos entre monogamia (herança europeia) e poligamia (aspecto cultural local) como uma das temáticas centrais, observa-se a mulher vista como objeto, na qual o homem tem posse quando e como quiser, como se pode observar no seguinte fragmento apresentado pela personagem principal, Rami: "Quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo" (CHIZIANE, 2004, p. 54). Tais aspectos ainda são apresentados como uma cultura de submissão que transcende gerações, ou seja, práticas, vivências e silêncios passados de geração em geração, de uma mulher para a outra, como exposto na narrativa:

> Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória. Como podia eu imaginar que estava a paralisar as asas das meninas à boca de nascença, a vendar os seus olhos antes de conhecerem as cores da vida? (CHIZIANE, 2004, p. 255-256)

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

O silenciamento na trama também é representado pela crença das mulheres na submissão ao homem sem que haja questionamentos diante de tal realidade e também pelo processo de cristianização da cultura, na qual a igreja, como sendo parte da cultura europeia colonizadora, influência e propaga a visão de superioridade do homem. Dessa forma, o discurso religioso pregado para Rami, e para as demais mulheres personagens do romance é de que o homem é uma graça divina, porque "dêem graças ao Senhor que iluminou a vossa estrada, caso contrário seriam mães solteiras como tantas que andam por este mundo fora. Homens são raros. Ter um marido é sorte nos dias que correm" (CHIZIANE, 2004, p. 158). Portanto, no percurso da narrativa, é afirmado que o homem possui direito a tudo, dentre isso, matar, amar, chamar e possuir, e sobretudo, procurar em outro lugar o que na casa da mulher legítima não há.

É nesse percurso que a trama do romance se inicia. Rami, nascida no sul de Moçambique, é casada com o chefe de polícia da cidade chamado Tony. Após acontecimentos com um de seus cinco filhos, Rami sente a falta de seu marido nas ações do dia a dia e decide reconstruir seu casamento, indo em busca de Tony. Sabendo da existência de uma amante, Rami toma a atitude de enfrentar a suposta mulher, questionando-a sobre o paradeiro de seu marido. Contudo, após ser violentada pela amante de seu marido, Rami descobre que Tony possui várias outras mulheres, com as quais mantém um relacionamento extraconjugal sem que sejam reconhecidas perante a lei, e que ele também possui filhos que dependem do dinheiro dele para serem sustentados.

Durante esse percurso de descoberta, Rami conhece as quatro amantes de Tony: Lu, Ju, Saly e Mauá, assim chamadas no romance. Tais mulheres não só auxiliam no processo de Rami de autoconhecer-se e autodescobrir-se enquanto sujeito mulher, mãe e esposa, mas também expõem vários pontos que permitem o conhecimento da cultura moçambicana. Dentre eles, pode-se destacar a temática da poligamia como cultura local que em algumas regiões sofreu apagamento devido à imposição da cultura do colonizador, realidade que também permite a observação das diferenças culturais entre as regiões sul e norte de Moçambique, em decorrência da intensidade e dos limites territoriais em que o processo de colonização se deu.

A respeito disso, é importante que se faça a diferenciação entre adultério e poligamia. Poligamia é uma prática cultural e comum para a sociedade de Moçambique, na qual o homem possui a permissão social de findar união conjugal com mais de uma mulher, e essas terão os mesmos direitos assegurados por lei. Contudo, com a colonização portuguesa, muitos das tradições se extinguiram em determinadas regiões do país, assim como a poligamia,

dando espaço aos costumes europeus. No romance de Chiziane (2004) a personagem Rami, ao descobrir as ações extraconjugais de seu marido, apresenta a poligamia como forma de partilha e privilégio total ao homem e sinaliza que a aceitação é necessária entre as mulheres, assim como destacado nos dois seguintes trechos: "desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa" (p. 55); "poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura, dizem. No país há dez mulheres por cada homem, a poligamia tem que continuar. A poligamia é necessária, as mulheres são muitas" (p. 102).

Entretanto, a discussão que o romance propõe é a prática de adultério, tendo em vista que Tony é casado apenas com Rami e as suas amantes não são reconhecidas civilmente, e, por isso, não possuem direitos garantidos, ou seja, são relações estabelecidas de forma extraconjugal. Francisco (2019, p. 49) contribui nessa perspectiva quando afirma que:

> Chiziane reconhece que a sociedade moçambicana não pode ignorar que o sul do país é de origem patriarcal e tem a poligamia como um de seus costumes mais antigos. No entanto, as imposições advindas da colonização portuguesa, bem como do regime pós-colonial, estipulam a monogamia como uma prática cultural oficial de um povo que tradicionalmente tem outra referência. Essa imposição obviamente trouxe problemas que são imensuráveis ao povo moçambicano, na medida em que os homens constroem suas relações oficialmente monogâmicas, porém ampliam a família de forma clandestina e ilegal conservando relações extraconjugais, deixando inúmeras mulheres e filhos sem o amparo legal desses homens, tal como de suas famílias.

Nesse sentido, é visível a observação dos resquícios da colonização portuguesa em Moçambique, a qual impõe novas perspectivas culturais e que contribuem para o apagamento da cultura local e para conflitos de cunho social e econômico, pois, como apontado por Francisco (2019), muitas mulheres e seus filhos frutos dessas relações "clandestinas" permanecem à mercê de tal realidade e desprovidas de direitos básicos. Esses aspectos culturais estão diretamente relacionados as diferenças entre as regiões sul e norte de Moçambique, sendo que muitas dessas diferenças são decorrentes do processo de colonização do país.

Mauá, uma das amantes do Tony, é nascida no norte do país e com isso vários aspectos são discutidos no romance. A partir dos diálogos na narrativa, é possível notar a rivalidade das duas regiões, principalmente no que diz respeito a vivências entre homens e mulheres, vistos como totalmente contrários ao que acontece no sul do país. Considerando

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

que o norte de Moçambique não possui marcas tão evidentes da colonização, os aspectos culturais pertencentes ao país ainda são cultuados e praticados, dentre eles a poligamia. Dentre os vários discursos presente no romance, destaca-se o seguinte fragmento que apresenta a mulher moçambicana considerando as diferentes regiões:

> As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. (CHIZIANE, 2004, p. 36)

Observa-se que tal ponto de vista é dado por Rami, personagem pertencente à cultura do sul do país e que apresenta as suas concepções diante dos costumes do norte, os quais para ela são utopias distantes. Isso se deve ao fato de que a região de Rami se encontra em um processo de resgate identitário e de reconhecimento individual e coletivo, uma vez que muitos dos aspectos culturais cultuados na região são impostos pela cultura europeia que se distanciam dos traços originais do país. Desta forma, os próprios conflitos da personagem principal como, por exemplo, o sentimento de inferioridade para com as mulheres do norte e a as relações extraconjugais mantidas por seu marido tornam-se reflexo das consequências dessa imposição da cultura estrangeira de forma autoritária.

As compreensões de amor e violência também permeiam a narrativa e corroboram para reafirmar a submissão do homem para com a mulher. Rami destaca em muitos momentos o amor sendo um sentimento exclusivo ao homem e para mulher algo inalcançável e indigno e que a violência também é uma demonstração de afeto. Frente a essas concepções distintas entre as possibilidades do homem e da mulher, alguns fragmentos do romance afirmam a violência como um ato natural que perpassa gerações de mulheres no contexto explicitado na obra. Em um dos diálogos de Tony para com Rami, pode-se observar a naturalização e a perpetuação da violência física às mulheres:

> Nunca maltratei a Lu, bati nela algumas vezes, apenas para manifestar o meu carinho. Também te bati algumas vezes, mas tu estás aí, não me abandonaste para lugar nenhum. A minha mãe foi sempre espancada pelo meu pai, mas nunca

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

> abandonou o lar. As mulheres antigas são melhores que as de hoje, que se espantam com um simples açoite. —Tens razão, Tony, as mulheres de hoje já não têm juízo. Por que não te casas com a minha avó? (CHIZIANE, 2004, p. 284)

A partir do fragmento apresentado, compreende-se a violência vista como uma forma de demonstração legítima de carinho e não como uma forma de maus-tratos. Dentre as falas presentes na narrativa, entende-se o silenciamento das mulheres e a aceitação disso relacionados aos aspectos culturais, em que a mulher não é vista como como um ser ativo que ama, sofre e sente prazeres, mas sim como como um ser passivo, subalterno que está em posição de inferioridade em relação ao homem. Essa concepção também contribui para a análise comparatista entre as relações afetivas das regiões norte e sul e a concepção do "ser" mulher em cada região, considerando para isso as diferentes marcas coloniais em cada território. Observa-se que na região norte, nos quais a colonização se deu de forma mais amena, a mulher é vista como um ser de beleza e que dá luz ao mundo, já a mulher do sul é vista como alguém triste, sem beleza e autocuidado, considerada ainda como um objeto de posso do homem, e que por isso, deve ser submissa a marido a ponto de aceitar a violência como forma de carinho e afeição.

Uma reflexão de Rami a respeito da temática do amor confirma essa perspectiva de passividade e reitera a ideia da inferioridade feminina, nos quais a mulher é privada ter os mesmos privilégios que o homem, sejam eles de cunho social, econômico ou também em relações afetivas, assim como explicitado no trecho: "Amar e ser amado é coisa de homem. Para a mulher, o amor recebido dura apenas um sopro, um flash de fotografia, simples pestanejar da vista. Para a mulher, amar é ser trocada como um pano velho por uma outra mais nova e mais bela — como eu fui". (CHIZIANE, 2004, p. 135)

Para a personagem o amor e suas formas de representação não compõem as vivências de uma mulher sulista, assim como outros fatores que também ficam explícitos na narrativa e do cotidiano das mulheres retratadas na obra. Para além dos sentimentos amorosos desiguais na sociedade moçambicana, Rami e as amantes de Tony apresentam outros aspectos que incitam o pensar crítico. A alimentação, por exemplo, também possibilita a análise da superioridade e valorização do homem, e também perpassa gerações e culturas. Consequentemente, a mulher, nesse contexto, é a figura que serve e que atende os desejos do homem, ratificando a sua submissão e devoção, por meio do ato de ajoelhar-se, costume que é explícito nas reflexões de Rami: "— Aprendi a submissão das mulheres changarías. Ajoelhar para entregar um copo de água, ajoelhar para convidar à mesa, ajoelhar para servir café,

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

ajoelhar para receber um membro da família, ajoelhar à simples chamada, ajoelhar, ajoelhar sempre." (CHIZIANE, 2004, p. 260)

Contudo, mesmo diante da submissão pelo ato de ajoelhar-se para servir o alimento, outro ponto a ser destacado é as marcas culturais que dizem respeito à própria alimentação. Na cultura moçambicana, sobretudo a cultura sulista, as esposas necessitam reservar os melhores alimentos para o consumo dos maridos, e essa prática é considerada uma forma de regra a ser seguida, pois, segundo os costumes, é uma forma de proteger a família, que depende inteiramente da figura masculina. Sob esse tema, o seguinte trecho de *Niketche* é ilustrativo:

> Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais força e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe. (CHIZIANE, 2004, p. 126)

Essa prática contribui para a compreensão da dimensão social e cultural do país e do papel masculino nesse contexto. Contudo, a linha que permeia as práticas da cultura local da colonização portuguesa é muito tênue, o que instiga reflexões críticas a respeito desses cruzamentos, como, por exemplo, diante da poligamia, que teve um significativo distanciamento das práticas do sul de Moçambique. Por fim, é necessário destacar ainda alguns rituais que permanecem vivos culturalmente e que também possibilitam o olhar para com as mulheres, por vezes vistas como objeto de posse masculina, mas que sobretudo, resguardam sensualidade, desejos e poder.

Dança que dá origem ao título do romance, *Niketche*, é considera a dança do amor e principalmente reproduzida ao norte do país pelas mulheres. No romance, uma das amantes de Tony, Mauá, apresenta uma breve definição acerca a dança: "Uma dança nossa, dança macua — explica Mauá —, uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida!" (CHIZIANE, 2004, p. 160). Ainda segundo a narrativa, a dança *Niketche* é composta também por vestimentas singulares como tangas e missangas que se balançam ao som do tambor, despertando inúmeros sentimentos aos ouvintes:

> Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

> quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (CHIZIANE, 2004, p. 161)

A dança, assim como, as outras tradições contribuem também para a compreensão entre as diferenças da região sul e norte de Moçambique, na qual as vivências das mulheres e a valorização acontece de formas distintas, mas que se estreitam e somam forças na luta pela identidade, pela emancipação e pelo processo de empoderamento. O romance, além de apresentar o contexto histórico e social de Moçambique a partir da visão da narradora mulher, também possibilita uma potencial reflexão e análise diante do relacionamento entre as demais mulheres presentes na trama. Essas iniciam percurso de autoconhecimento, união, empoderamento feminino, emancipação e busca identitária diante da cultura machista existente, mas que ao mesmo tempo reflete na realidade de um país que foi colônia e que mesmo após o processo de independência ainda mantém práticas culturais e sociais do seu colonizador.

Percurso de empoderamento feminino nos entrecruzamentos da história com a literatura

Niketche, ao representar o contexto cultural, social e histórico de Moçambique por meio de uma trama marcada por mulheres negras em uma sociedade que cultivam e impõem tradições machistas e opressoras também oferece a possibilidade de discussão entre o diálogo entre tais mulheres. Devido as relações extraconjugais do marido, Rami conhece Lu, Ju, Saly e Mauá, e contrária à visão de que a união entre essas mulheres se daria por conta da rivalidade, cresce nesse contexto sentimentos, como: empatia e solidariedade e respeito.

O sofrimento e o desapontamento dessas mulheres, por descobrirem as traições de Tony, tornam-se sentimentos compartilhados por outras mulheres da sociedade moçambicana, não somente pelas ações evidenciadas, mas também pelo silenciamento e pela posição ocupada pelo grupo feminino às margens da sociedade. Nessa perspectiva, pode-se pontuar algumas afirmações apresentadas no romance pela personagem Rami que corroboram com o sentimento de empatia para com outras mulheres: “Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos”. (CHIZIANE, 2004, p. 26)

Outro ponto importante presente na narrativa é a reflexão feita pela própria protagonista diante das diferentes condições das mulheres, na qual ela permite-se

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

compreender também a realidade das amantes de seu marido. A partir disso, Rami, expressa, em meio a seus pensamentos, uma reflexão relevante a respeito das mulheres estéreis que sofrem pelos moldes impostos pela sociedade:

> Assolou-nos um momento de piedade. Mulher estéril é um ser condenado à solidão, à amargura. Qual a vida da mulher estéril? Marginalidade, ausência. Quais os sentimentos dela? Dor e silêncio. Quais os sonhos dela? Eterna ansiedade, desespero. A mulher estéril sente dentro de si um ser sem vida, condenada a desaparecer sem assentar na terra as raízes da existência. Uma criatura existindo sem existir. Deformada sem o ser. Uma mulher expulsa daqui e dali, eternamente à busca de um poiso, numa sociedade onde só é considerada mulher aquela que pode parir. E quem a faz sentir-se assim? A sociedade, os homens, as próprias mulheres, especialmente as sogras que determinam o número de filhos que devem nascer dentro de um lar. (CHIZIANE, 2004, p. 136-137)

Nesse sentido, a compreensão e empatia de Rami auxilia no início de um movimento de união entre ela e as outras mulheres do Rony. As vivências de cada uma são compartilhadas e atuam como apoio, assim como destaca Rami, no seguinte fragmento retirado do romance "Começo a sonhar. As palavras da Lu são amargas, mas curam. As mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo." (CHIZIANE, 2004, p. 255)

Com o desejo de conhecer-se, Rami inicia um percurso de reflexões diante da observação das outras mulheres e seus costumes, e com isso, descobre não só os anseios de sua alma, mas também de seu corpo. "Tenho um medo terrível de me apresentar diante do meu espelho, mas vou. Preciso. Quero ver a nudez do meu corpo. Será que me vai assustar? Quero também ver a nudez da minha alma". (CHIZIANE, 2004, p. 149). Ao longo da narrativa e das vivências da personagem, o reconhecimento de si toma forma, e Rami descobre-se mulher, que possui medos, sofrimentos, mas que também deseja a felicidade, a liberdade e sobretudo encontrar o seu espaço na sociedade. Contudo, esse posicionamento de autoconhecimento e de redescobrimento da personagem também pode ser alusivo ao posicionamento atual de "ser" moçambicano no contexto pós-colonial, na perspectiva do resgate das formas de viver, de sentir, de existir e de pensar para além do olhar limitador do colonizador.

Além da busca por autoconhecer-se, Rami reflete sobre a sua identidade como mulher negra que teve seu casamento ferido, mas também como alguém que não há posse de um local fixo para viver, tendo em vista que os seus bens adquiridos a partir de seu casamento foram postos em risco, pois terão de ser compartilhadas com as outras mulheres de Tony. A tradição moçambicana compreende também que a mulher necessita casar-se para deixar as suas terras

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

de origem e, assim, passar a viver juntamente com seu marido em outro endereço. Contudo, as experiências dolorosas de redescobrimento e da busca pela sua reconstrução identitária auxiliam a personagem no seu percurso de libertação e empoderamento.

> Preciso de um espaço para repousar o meu ser Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registo, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. A minha alma é a minha morada. Mas onde vive a minha alma? Uma mulher sozinha é um grão de poeira no espaço, que o vento varre para cá e para lá, na purificação do mundo. Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome. (CHIZIANE, 2004, p. 90)

Diante deste desejo de encontrar seu espaço como mulher na sociedade e da força de vontade em tornar-se independente, Rami inicia um percurso de reflexões importantes que objetivam a concretização desses desejos, para ela e para as demais famílias, que aguardam e dependem do alimento trazido por Tony. "Pobre Tony. Ele acredita que as mulheres são destituídas de razão, vivendo apenas de emoção, incapazes de qualquer revolução, a quem se abranda o choro com um rebuçado, uma promessa, e se cala a boca com uma chinelada no traseiro." (CHIZIANE, 2004, p. 283). Com isso, as cinco mulheres iniciam o percurso de empoderamento, como uma forma de libertação dos desejos nunca atendidos por Tony e ainda um meio de traçar os seus próprios caminhos de realização pessoal, profissional na sociedade.

Na compreensão de que o melhor lugar para estar é no próprio corpo, Rami, Lu, Ju, Saly e Mauá deparam-se com a seguinte fala, tida em uma de suas reflexões e que impulsionam o processo de independência, emocional, amorosa e financeira dessas mulheres: "— Aos homens ensinam a amar a si mesmos e só depois ao próximo. Às mulheres se ensina a amar ao próximo, mas nunca a amarem-se a si próprias." (CHIZIANE, 2004, p. 252). A partir da ideia e ajuda financeira dada por Rami, cada uma das mulheres inicia seu próprio negócio, venda de roupas, salão de beleza, venda de cereais, cada uma buscando ter o mínimo de segurança para sobreviver. Começa o empoderamento delas.

E assim, as personagens traçam seus destinos sem a presença de Tony e projetam no futuro os seus desejos de igualdade e valorização para com as outras mulheres que vivenciam os mesmos sofrimentos, mas também aquelas que irão compor a nova geração de mulheres:

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

> Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia. A cantar e a dançar, construiremos escolas com alicerces de pedra, onde aprenderemos a escrever e a ler as linhas do nosso destino. [...] Amanhã, o mundo será mais natural, e os nossos bebés, tanto meninas como rapazes, terão quatro anos de mamada. Na hora de nascer, as meninas serão também recebidas com cinco salvas de tambor, no tecto do lar paterno e na sombra da árvore dos seus antepassados. Marcharemos ao lado dos homens, como soldados fardados de suor e lama, na machamba, na mina, na fábrica, na construção, e levaremos um beijo de mel à boca de cada criança. Seremos mais ricas de pão e de paixão. Olharemos para os homens com amor verdadeiro e não para as cifras das notas de banco que pendem nos bolsos das calças. Ao lado dos nossos namorados, maridos e amantes, dançaremos de vitória em vitória no niketche da vida. Com as nossas impurezas menstruais, adubaremos o solo, onde germinará o arco-íris de perfume e flor. (CHIZIANE, 2004, p. 294)

O percurso traçado pelas mulheres na narrativa *Niketche* revela como é ser mulher na sociedade moçambicana e como as imposições coloniais foram incorporadas aos aspectos culturais do país. O debate diante das questões de gênero e da valorização da figura masculina repercute a outras realidades e grupos sociais que não se limitam somente ao continente africano, uma vez que a pauta pela busca da igualdade entre gêneros transcende gerações, culturas e fronteiras. Beauvoir (1970, p. 85) contribui nessa perspectiva quando afirma que:

> Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão-somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.

Embora a igualdade e emancipação sejam vistos, por muitos, um perigo e ameaça diante dos interesses masculinos, compreende-se a igualdade, considerando as representações presentes na narrativa, como uma forma de valorizar a figura feminina como um sujeito tão capaz quanto ao homem. Nesse sentido, estende-se à luta pelos direitos das mulheres e as condições que essas são expostas dentro de valores culturais, sociais e históricos dos mais diversos países. A fim de melhor compreender as vivências desiguais entre os sujeitos, reitera-se a importância do debate e reflexão a partir das produções literárias, principalmente aquelas escritas por mulheres, dando a elas o espaço e a voz para que desprendam suas realidades e pontos de vista.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

Nessa perspectiva, Louro (1997, p. 22) apresenta outros percursos a serem traçados para que se possa compreender de forma efetiva os processos de empoderamento, bem como as raízes da desigualdade entre os gêneros:

> As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Niketche, além de apresentar o contexto moçambicano a partir do olhar sensível das personagens mulheres, possibilita a análise dos pontos afirmados por Louro, no momento em que apresenta os valores e tradições culturais de Moçambique, os impactos colonialismo português e como tais contexto influenciam na vida da sociedade feminina. Por fim, reafirma-se que a representação escrita por Paulina Chiziane permite observar não só a luta por direitos de igualdade das mulheres moçambicanas, como também potencializa o olhar às vivências diárias de outras mulheres em outras culturas, que também buscam tornar-se visíveis e valorizadas pela sociedade.

Papel político da narrativa e outras reflexões possíveis

A obra de Chiziane traz à tona importantes reflexões principalmente pelo contexto histórico em que o foi escrita, pelas temáticas que são evidenciados na narrativa e pela trama que envolve o leitor em um percurso de conhecimento sobre os aspectos históricos, sociais e culturais de Moçambique. Por isso, a obra também evidencia o seu caráter político de desprendimento das raízes coloniais, bem como das vivências de mulheres que convivem com as implicações do entrecruzamento cultural e das imposições de regimes patriarcais e machistas. Nesse sentido, essa seção objetiva expor e discutir outros vieses críticos possíveis a partir da leitura e análise da obra, dentre eles, destacam-se o empoderamento feminino de forma representativa para com outros contextos, a crítica ao casamento poligâmico no país, a contribuição do colonizador na opressão feminina e por fim as marcas do colonialismo que ainda permanecem.

Como já destacado na seção anterior, o processo de empoderamento feminino se faz presente na narrativa devido ao percurso da personagem principal e das demais mulheres para com o contexto nos quais estavam sendo submetidas. Contudo, antes mesmo da observação dos elementos da narrativa em si, o empoderamento pode ser analisado também no processo de criação da obra, principalmente ao se considerar a autora e o árduo percurso de

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

reconhecimento de sua escrita em meio a um contexto de produção literária repleta de figuras masculinas. Além de ser mulher, negra e escritora em contexto nos quais a mulher não possuía muito espaço, Paulina Chiziane expõe, por meio de seus escritos, temáticas polêmicas para seu contexto, como a poligamia, sexo e também questões sobre a mulher moçambicana.

Tal contexto pode ser observado como uma forma de empoderamento da autora pela busca do protagonismo feminino no espaço de produção literária de Moçambique, como uma forma de contribuir para a ampliação dos escritos sobre este território e para a construção da identidade nacional de uma país cuja independência ainda é muito recente. Desta forma, ambos contextos de empoderamento, tanto da autora como das personagens, podem ser analisados como uma forma de libertação de sistemas excludentes, limitadores e machistas, nos quais as mulheres, segundo Miranda (2010, p. 114), "recriam as relações, rompem com a experiência da obediência, estabelecem partilhas".

Outra reflexão que subjaz à escrita de Chiziane é a temática da poligamia, que pode ser vista e analisada de diferentes formas, sendo na perspectiva do público masculino moçambicano ou a partir do olhar feminino. Diante disso, o que se pretende destacar no romance é a perspectiva da crítica ao casamento poligâmico feito pela autora e que também se torna visível sob olhar da personagem principal Rami. Ambas compartilham a experiência de serem mulheres nascidas em Moçambique, convivendo culturalmente com a poligamia e, que a partir do ponto de vista delas, a poligamia é uma prática cultural que beneficia somente o homem e que contribui para a subalternidade feminina.

Diante do posicionamento crítico e reflexivo da personagem Rami para com a poligamia, Carvalho (2017, p. 312) expõe a análise de que "a protagonista não se limita ao julgamento quanto à posição do homem no sistema poligâmico de que participa e em que observa as demais mulheres, mas se estende à própria consciência de si e às vidas e espaços ocupados pelas outras integrantes do movimento amoroso." Nesse sentido, o autor ainda destaca que o olhar da personagem e o seu discurso entende o homem não sendo um ser superior, mas sim aquele que ocupa a posição central do sistema cultural e social, nos quais os privilégios são sempre destinados a ele. Por consequência, tal prática a partir da perspectiva feminina, segundo o autor "esclarece a posição dominadora do homem em relação à mulher, subjugada na relação amorosa e no que deriva dela (o cuidado com o lar, com os filhos e até com a renda)" (CARVALHO, 2017, p. 314).

Para além das tradições e aspectos culturais de Moçambique, outro aspecto que contribuiu para a opressão feminina no país foi e continua sendo a presença do colonizador. O processo de colonização e as vivências nesse regime impõem a adoção de novas práticas

Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

culturais, sociais e econômicas de um sistema visto como superior, como o europeu, o que contribui para o domínio territorial e também humano. Dessa forma, tem-se a dicotomia entre a dominação do colonizador para com o colonizado e o reflexo disso na submissão da mulher para com o homem, assim como reafirma Carvalho (2017, p. 314):

> Embora na cadeia de dominação estabelecida a figura feminina seja subordinada à masculina, o homem também ocupa uma posição de dominado em relação à cultura colonizadora (central). Ocorre que ele se utiliza do retorno à tradição e às memórias culturais para adotar uma prática que o beneficia e, mais ainda, marginaliza as mulheres.

O autor faz referência ao retorno à tradição, o que reafirma a perspectiva de que a prática de poligamia foi, em algumas regiões, sobreposta pela cultura ocidental que legitima a monogamia. Nesse sentido, a presença do colonizador não só contribui para a intensificação de práticas opressoras como também agem como um meio de moldar as formas de pensar, de agir, de viver e de existir enquanto nação e sociedade, cujos moldes ainda podem permanecer vivos mesmo depois do processo de independência. A partir disso, surge a necessidade de estabelecer práticas e pensamentos decolonias como meio de desprendimento das marcas do colonialismo racista, opressor e segregador para caminhar em direção de uma sociedade efetivamente livre economicamente e humanamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Niketche: uma história de poligamia, discute o chão de Moçambique a partir de vozes femininas, tanto da autora moçambicana Paulina Chiziane, como das personagens literárias. Chiziane, em sua escrita, traz à tona temáticas relevantes que demarcam historicamente um marco importante para o cenário literário de sua região, uma vez que foi a primeira mulher negra a publicar um romance em Moçambique, particularidade que também expõe características muito presentes em suas produções, como o empoderamento feminino, a mulher em contexto patriarcal e machista, e sobretudo, as implicações da colonização na cultura e nas vivências do país.

Diante desse fértil cenário, esse trabalho objetivou apresentar, através de um estudo bibliográfico crítico-reflexivo, o processo de empoderamento feminino e de autoconhecimento em meio às influências culturais e sociais que permeiam o país, a fim de também discutir o papel político da narrativa que implica, por exemplo, aos resquícios culturais herdados pelo processo de colonização. A partir da análise das vivências da

Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

personagem principal Rami observam aspectos culturais e sociais de Moçambique, o que auxiliou na compreensão do processo de empoderamento feminino em um contexto marcado pela desigualdade de gênero, pela submissão feminina e pelos costumes patriarcais, e, ainda foi possível apresentar outras reflexões possíveis que denotam o caráter político da obra.

Referente aos aspectos culturais e sociais analisados, considerando os costumes locais e os herdados pelo colonizador, é possível pontuar que algumas tradições e leis contribuem para subalternidade feminina, como, por exemplo: o casamento poligâmico que beneficia somente o homem; as práticas de alimentação e submissão subentendidos pelo ato de ajoelhar-se; a superioridade masculina na sociedade; a violência como forma de demonstração de afeto; os valores cristãos de que o homem é uma graça divina; os diferentes costumes para com o nascimento de meninos e meninas, entre outras práticas. Nesse contexto social machista, o empoderamento das personagens ganha força a partir de questionamentos e reflexões diante da realidade vivida, bem como da união das mulheres em busca da independência financeira, pessoal e amorosa do marido, para que assim pudessem conquistar seus espaços na sociedade e criar seus filhos sem a ajuda opressora e pretenciosa do pai de seus filhos.

Por fim, a respeito do papel político da obra e das demais reflexões possíveis, concluiu-se que a figura do colonizador e as suas práticas transcendem épocas e gerações, dominando não só bens materiais do território africano, mas também moldando o "ser" moçambicano para outras vivências culturais e sociais de forma imposta e controladora. O colonialismo não só contribui para a intensificação de práticas opressoras como também age como um meio de moldar as formas de pensar, de agir, de viver e de existir enquanto nação e sociedade, cujos moldes ainda podem permanecer vivos mesmo depois do processo de independência.

Nesse sentido, encontra-se a importância da produção literária de Chiziane, não só por ser uma escritora mulher e negra que enaltece a cultura moçambicana sob o olhar feminino com lastro de criticidade sobre a realidade de seu país. Além disso, há o comprometimento de que o texto, no ato de contar histórias a partir da oralidade da língua portuguesa usada em Moçambique, resistir, no plano linguístico, a formas de imposição cultural do colonizador. Nesse sentido, o texto de Chiziane protagoniza o falar sobre Moçambique e sobre África a partir do próprio sujeito moçambicano, dando voz à mulher e ao empoderamento que esta busca consolidar. A partir disso, inicia-se um processo de desprendimento da óptica europeia e incorporação do pensamento decolonial, nos quais a literatura da autora contribui a partir do

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 41, p. 49-66, jan./jun. 2021.
Recebido em: 19 abr. 2021 | Aceito em: 17 maio 2021.

registro e da propagação das vivências de um povo que possui muito o que contar a partir da própria voz.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: fatos e mitos. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche:* uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. *Entrevista:* a páginas tantas (2014). Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yYIwTj7afJA&t=580s. Acesso em: 05 maio 2021.

CARVALHO, Carina de Lima. "Niketche: uma história de poligamia" em leitura sob a perspectiva dos estudos culturais. **Revista Crioula**, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 304-316, 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/126067. Acesso em: 11 ago. 2021.

FRANCISCO, Renata Maria Teresa dos Santos. *Representação de mulheres moçambicanas na obra de Paulina Chiziane*: *Niketche:* uma história de poligamia. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Histórica Social, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22455. Acesso em: 04 maio 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MIRANDA, Maria Geralda de. Niketche: uma história de rupturas, ou o feminino em constante desafio. *Revista e-scrita*: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v. 1, n. 3, p. 108-115, 2010. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/268394726.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

SANTOS, Ilka Souza dos. *Narrativas de empoderamento*: um olhar à ficção de Paulina Chiziane. 2018. 105 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Teoria da Literatura, Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30382. Acesso em: 04 maio 2021.

SILVA, Jéssica Fabrícia da. Mulheres Moçambicanas em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane: (des)semelhanças. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GêNERO: TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS, 13., 2017, Florianópolis. *Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico]:* 13th. Women's Worlds. Florianópolis: Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1-11. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498571937_ARQUIVO_TrabalhoCompletoJessicaFabriciadaSilva.pdf. Acesso em: 04 maio 2021.